



p l a n í c i e . p l a a a n í c i e . p L á n í c i e . p l Á n í c i ê . p l ã N i c i Ê

É possível que de tanto repetir entonações e volumes para uma palavra, que esta, em um dado momento, consiga erodir em uma suave montanha, vertendo relevos, fendas, abismos, desertos, florestas, cordilheiras e cavernas.

Como se habita uma palavra?

Como ressoná-la entre a fala, a escrita, os gestos e a matéria?

E essa parte que ecoa e funciona como uma pele vocálica, de que é feito esse vazio que abriga a *forma-palavra* e se porta como um tecido vivo e portátil?

Por que algumas palavras nos aquecem e outras adormecem?

São algumas perguntas que se pode melhor responder através de uma ciência curva de bordas convexas, pois quando depositamos as dúvidas em seu topo - o ápice incógnito - as respostas tendem a descer e cair sempre em lugares diferentes, apontando uma resposta e um sem número de outras perguntas. É um tipo de experimento eterno! Não cabe fazê-lo em seu modo científico reverso, uma ciência curva de bordas côncavas, onde toda resposta desacelera em parábolas cada vez mais curtas, até repousar sobre um mesmo e imutável ponto inerte.